

ISRAELOGIA PROVISÓRIA

*Frans Leonard Schalkwijk**

RESUMO

Neste artigo, o autor expressa a sua convicção de que o retorno dos judeus à terra de Israel no século 20 é um cumprimento de antigas promessas de Deus ao seu povo. Ao mesmo tempo, considera honestamente sete objeções a esse entendimento, a saber: o cumprimento da promessa já foi realizado no passado, uma condição fundamental para o retorno não foi cumprida, o Novo Testamento silencia sobre a questão, a posição de Tiago sobre a inclusão dos gentios na igreja judaica, o fato de que muitos judeus não retornaram à terra prometida, o fato de que ainda hoje a nação de Israel continua sob ameaça e o entendimento de que é duvidoso tirar conclusões a partir de eventos atuais.

PALAVRAS-CHAVE

Retorno dos judeus a Israel; Estado de Israel; Promessas de Deus; Objeções.

Pessoalmente creio que a volta atual dos judeus à terra de Israel é um cumprimento da promessa de Deus. Mas será que é bíblico pensar assim? Pois não será que todas essas promessas sobre o retorno já se cumpriram na volta do exílio babilônico? E não é a conversão de Israel a condição da sua volta? Assim já ouvi pelo menos sete questões críticas que pesam na balança contra

* Doutor em História, Universidade Mackenzie (1983); mestre em Teologia (Th.M.), Calvin Theological Seminary (Grand Rapids, MI, 1977); bacharel em Teologia, Universidade Livre de Amsterdã e Faculdade Teológica de Kampen (1954), Moravian Theological Seminary, Bethlehem/PA (1951). Missionário no Brasil (1959-1995), professor e reitor do Seminário Presbiteriano do Norte/Recife (1972, 1976-1986), ex-professor visitante do CPAJ. Pastor emérito das Igrejas Reformadas da Holanda, da Igreja Evangélica Reformada no Brasil e da Igreja Presbiteriana do Brasil. Autor de *Igreja e Estado no Brasil Holandês* e *Meditações de um Peregrino*. Reside em Itajubá, MG.

uma segunda volta como cumprimento da promessa de Deus. Vamos ouvir com muita atenção essas objeções fraternais (quatro bíblicas e três práticas) para não errar na interpretação e no ensino fiel da Palavra de Deus (2Tm 2.15).

1. CUMPRIMENTO REALIZADO

A primeira objeção tem peso histórico muito grande: a volta atual não pode ser o cumprimento da promessa divina, pois essas promessas já se cumpriram na volta do exílio babilônico (539 a.C.). Vamos então reler algumas promessas de retorno e perceberemos que todas são muito semelhantes, mas umas se encaixam mais nos dias de hoje do que no primeiro retorno. De fato, há semelhanças e diferenças entre a volta da diáspora *babilônica* depois dos 70 anos preditos por Jeremias (29.10) e a volta atual da diáspora *romana* que depois do ano 70 já durou mais de dezenove séculos. A diferença principal está no seu volume. Pensando nas promessas como estrelas (Gn 15.5), há algumas que são como uma estrela maior ou, quem sabe, podíamos dizer que há promessas que são como uma “estrela dupla”, uma menor na frente com outra maior atrás. Sem telescópio mal dá para ver que é uma estrela dupla. Não é isso que aconteceu com as promessas sobre a primeira vinda do Messias? Como quando o Senhor Jesus leu a profecia de Isaías (61.1,2) sobre o ano da graça do Senhor, mas deixou o juízo final de fora por enquanto (Lc 4.19).

Comparando o *volume* dos dois retornos, o que chama a atenção de imediato é que a *volta da diáspora babilônica* é relativamente pequena, contada em milhares (Ed 2.64), mas a *volta da diáspora romana* é enorme, em três anos pelo menos dez vezes maior.¹ Vamos comparar mais alguns aspectos das duas voltas e percebemos logo outras diferenças.

De onde voltam? No ano 539 a.C., os judeus vieram basicamente da Mesopotâmia e da Pérsia, então do nordeste de Canaã. Mas já uns vinte anos depois daquela volta, o Senhor falou de novo, desta vez por meio do profeta Zacarias (pós-exílico): “Salvarei meu povo, tirando-o da terra do oriente e da terra do ocidente” (8.7). E na profecia de Isaías 43 (v. 5,6) o âmbito geográfico é ainda muito maior: “Trazei meus filhos de longe, e as minhas filhas das extremidades da terra”. Em 539 a.C. eles vieram do Nordeste, mas atualmente do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste, da Rússia e da África do Sul, da Índia, da Etiópia² e de Marrocos, das Américas (inclusive do Brasil)³ e da Austrália. Agora já

¹ Imigração na Terra Santa: em milhares: 539 a.C. – 42.000 (Ed 2.64); 1948 A.D. – 101.000; 1949 – 239.000; 1950 – 170.000. Ver: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/latest-population-statistics-for-israel>.

² Desde 1948, 95.000 judeus da Etiópia.

³ A média anual de chegada de brasileiros a Israel era de cerca de 150, mas aumentou: 2014 – 308; 2015 – 497; 2016 – 760. Ver: <https://www.rfi.fr/br/mundo/20170723-aumento-da-imigracao-de-brasileiros-para-israel>. Sobre judeus no Brasil holandês, ver F. L. Schalkwijk, *Igreja e estado no Brasil*

de mais de cem países, quase do mundo inteiro. Mas alguém pergunta: “Seria realmente uma volta prometida?” E a resposta podia ser formulada em outras perguntas: Não são os que voltam judeus? E não estão voltando para Israel? De qualquer forma é uma volta. Mas, ainda por cima, não há atualmente um fenômeno complementar interessante? Pois cristãos estão ajudando nesta *aliya*,⁴ como a organização *Operação Êxodo*, com muitos cooperadores voluntários de várias nacionalidades, como Isaías já havia profetizado (49.22).⁵ E mais: Jeremias enfatizou que viriam da “terra do Norte” (16.15). Há um capitólio exatamente ao norte de Jerusalém, Moscou. É que a gigante Rússia abrigava mais de dois milhões de judeus, mas a emigração somente começou depois da implosão da União Soviética (1991). Stalin tinha criado uma nova pátria judaica, Birobidshan, no extremo oriente da Sibéria, na fronteira com a China (1928). Era uma região autônoma (*oblast*) de confissão religiosa ateísta, mas na bandeira tinha um candelabro estilizado; e depois do russo, a língua oficial era o yiddish, um dialeto judeu-alemão da Europa oriental escrito com letras hebraicas. Agora, depois de 1991, a maior parte emigrou para a América ou para Israel, onde 15% da população fala russo.

De fato, a volta do exílio romano é como a volta do exílio babilônico, porém agora, como profetizado, em escala mundial e especialmente do Norte e, ainda por cima, com a ajuda de estrangeiros. Três coincidências?

Quem está voltando? é nossa segunda pergunta. Como na volta da Babilônia, é o “restante” que está voltando agora, inclusive aleijados e mulheres grávidas (Jr 31.7,8). Há ainda mais um paralelo, sinistro, entre as duas voltas do “restante”, pois uns sessenta anos depois do primeiro regresso houve uma tentativa frustrada de Esaú de genocídio do “restante” de Jacó no imenso império persa (480 a.C.; Et 3.1). Outro paralelo amargo são as lágrimas do “restante”, pois desta vez havia muito mais choro ainda de Raquel e das mães de Israel pelos seus filhos, pois “já não existem” (Jr 31.15-17). É que na Europa havia nove milhões de judeus, porém dois terços deles foram mortos (dos quais 1,5 milhão de crianças) naquele holocausto satânico. E não somente na Alemanha, pois quando os nazistas invadiram a União Soviética, em dois dias mataram em Kiev, capital da Ucrânia, mais de 30.000 judeus (1941, Babi Yar). Mortos, e não somente pelos nazistas. Naquele mesmo ano, quase 800 judeus conseguiram fugir da Romênia num velho cargueiro de gado, o Struma, com destino à Palestina. Mas a Inglaterra, que governava aquele território, recusou

holandês, 3ª ed., Cultura Cristã, 2014, p. 301ss. No Nordeste brasileiro, o chapéu de couro, o quipá, é um reminiscente judaico da época colonial. Ver: <https://www.instagram.com/reel/CkjZCZ1OO5h/?igshid=NjFhOGMzYTE3ZQ%3D%3D>.

⁴ Aliya = *subir* para Jerusalém.

⁵ SCHELLER, Gustav. *Operation Exodus* (Inglaterra: Sovereign World, 1998); www.ebenezer-operation-exodus.com; www.christiansforisraelinternational.com.

a entrada. O navio refugiou-se com um defeito no motor no porto de Istambul. Quando, depois de alguns dias, ficou claro que a Inglaterra não permitiria mesmo a entrada num porto da terra prometida, o Struma foi rebocado para o alto mar e no dia seguinte torpedeado por um submarino russo. Houve apenas um sobrevivente...⁶ A Inglaterra recusou a muitos outros sobreviventes do holocausto a entrada na Palestina.⁷ Depois devolveu o mandato às Nações Unidas (1947) e definiu como potência mundial (cf. Is 60.12). De fato, há muitos paralelos entre os “remanescentes” dos dois retornos, mas também diferenças: mais gente, mais lágrimas.

Sobreviver como? Uma terceira comparação entre as duas voltas pode ser sobre como os migrantes sobreviveram depois da chegada a Canaã. Sem dúvida nos dois casos foi basicamente pela agricultura. Mas houve diferenças. Depois da *Babilônia*, a terra ainda não tinha se tornado em deserto, pois outros pequenos grupos étnicos tinham sido importados e a agricultura voltou a produzir bem. Mas depois do longo exílio *romano* a terra tinha se tornado um deserto ou em pantanais infestados de mosquitos com malária e febre amarela. Assim todos os viajantes do século 19, como Mark Twain, observaram: a Palestina é um deserto (1867).⁸ Porém os judeus, desta vez voltando depois de mais de 40 gerações, compraram essas terras e os antigos donos (morando em Beirute, Damasco etc.) riram, pois conseguiram um bom dinheiro para terrenos que não valiam nada. Mas como trabalharam esses “novos” donos! E foi interessante que muitos jovens de outras nações vieram ajudá-los! Interessante, sim, mas assim se cumpriu outra profecia de Isaías de que estrangeiros trabalhariam nas lavouras e vinhedos (61.5).

De fato, a “segunda volta” é como a volta de Babilônia, pois são judeus que precisam trabalhar para sobreviver, mas é diferente porque ocorre em escala mundial e com ajuda mundial, como profetizado.

Morar onde? Outra questão básica que os imigrantes enfrentam é onde morar. E de novo há muita semelhança entre as duas voltas, simplesmente porque são pessoas com as mesmas necessidades básicas. Só que na segunda volta em escala maior, e encontramos até profecias complementares a respeito desse assunto. Isaías diz: “Edificarão os lugares antigamente assolados ... e as cidades arruinadas...” (61.4). Assim hoje, em contraste com o Egito, há em Israel muitas cidades novas nos antigos lugares e com os nomes antigos: Berseba, Laquis, Betshan etc. As cidades antigas foram reconstruídas, sempre depois de pesquisas arqueológicas. E Sofonias profetizou especificamente sobre uma parte da região dos filisteus: “O litoral pertencerá aos restantes da casa

⁶ Ver: https://en.wikipedia.org/wiki/MV_Struma.

⁷ URIS, Leon, *Exodus*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

⁸ TWAIN, Mark. *The Innocent Abroad* (1869).

de Judá; nele apascentarão os seus rebanhos, e à tarde se deitarão nas casas de Ascalom...” (2.7). Hoje Ascalom, reconstruída por judeus sul-africanos (1951), é uma cidade moderna uns dez quilômetros ao norte da Faixa de Gaza, com esse mesmo versículo bíblico na praça da cidade.

De fato, essa segunda volta é como a volta da Babilônia, somente que em escala mundial e, às vezes, com alguma profecia complementar, como esta sobre Ascalom.

Nação forte? Refugiados que, depois de anos, voltam para casa, encontram pessoas que ocuparam o espaço vazio e que, de repente, se tornam seus piores inimigos. Por isso precisam se organizar bem para poder sobreviver. Mas, estando dentro do plano de Eterno, eles podem ter a certeza de que o Fiel os ajudará. Uma profecia de Miquéias (4.6,7) trata especialmente deste problema de inimigos. Na primeira volta, o Senhor cumpriu sua promessa quando o árabe Gesém e seus companheiros resistiram ao governador Neemias (Ne 2.9). Mas a mesma promessa vale também para o que parece ser uma segunda volta prometida, pois, apesar dos muitos inválidos pelos campos de concentração, Deus prometeu que os faria “uma poderosa nação”! E ele cumpriu a sua palavra! Foi como um milagre que o novel Estado de Israel conseguiu vencer as guerras de extermínio que seus novos vizinhos travaram contra ele. Logo depois de nascer eclodiu a guerra da independência⁹ de 1948; depois a Guerra dos Seis Dias (1967),¹⁰ outra em 1973 e as seguintes...¹¹ Mas Israel sobreviveu e é uma nação forte! *A promessa entregue pelo profeta Miqueias valeu para todas essas circunstâncias adversas, tanto na primeira como na segunda volta, somente que nesta última em escala cem vezes maior e mais perigosa!*

Todos nós já sabíamos da história geral que de fato há duas *diásporas*, a babilônica e a romana. Pessoalmente creio que podemos também distinguir duas *voltas* e reconhecer essa última também como cumprimento das profecias naquela “estrela dupla”. Como acabamos de ver, em cinco áreas há paralelos claros, mas também “coincidências¹² complementares” nas profecias mencionadas que apontam nessa direção.

A grande pergunta honesta e fraterna permanece: será que a volta atual dos judeus à terra de Israel é de fato um cumprimento da promessa de Deus e então um sinal dos tempos? No primeiro ponto procuramos responder à objeção de que todas essas promessas sobre o retorno já se cumpriram na volta do exílio babilônico. Mas há pelo menos mais seis réplicas que pesam na balança contra uma segunda volta como cumprimento da promessa de Deus.

⁹ LORCH, Netanel. *The Edge of the Sword*. PL Press, 2016.

¹⁰ STEVENSON, W. *Strike Zion!* Também o artigo de Leon Uris, “The Third Temple”, Bantam Books, 1967.

¹¹ De 1948 a 2022, quinze guerras.

¹² Co-incidente? Deus-incidente!

2. CONDIÇÃO

A resposta à segunda objeção talvez seja mais difícil: não é que Deus estipulou uma condição? Não é que o Senhor prometeu esse retorno à terra somente depois do retorno a Deus (Dt 30.1-6)? Estão voltando, mas será que já se converteram? Hoje em dia talvez somente 1,5% da população judaica seja composta de judeus messiânicos.¹³ Pensando neste ponto crucial temos de concluir: sim, estão voltando, mas praticamente sem conversão.

Que os judeus estão voltando para a terra prometida, não há dúvida, pois desde 1900 é um fato histórico elementar. Caso contrário, nem existiria um Estado de Israel. Então há duas opções: ou é uma “volta carnal”, sem a bênção do Eterno, ou é pela graça imerecida dele. Pessoalmente creio que essa volta é um milagre da graça pelo sopro do Espírito Santo numa certa altura da história geral. Pois quando foi que o jornalista judeu Theodor Herzl¹⁴ tocou a trombeta? Não foi um pouco antes de 1900?¹⁵ Será que foi como por um sopro do Espírito Santo? Se for, decerto a igreja de Cristo também percebeu esse sopro, pois quando o vento sopra todo mundo nota. Será que a igreja percebeu algo desse sopro? Será que a ordem cronológica desse sopro seria também primeiramente o judeu, depois o grego?¹⁶ Parece que sim, pois um pouco depois de 1900 nasceu entre os crentes gentílicos o movimento pentecostal e começou uma campanha de evangelização que, apesar de problemas, se verificou ter sido a maior depois de Pentecoste, como o historiador Mark Noll observou. Gente simples, mas que tinha estado com Jesus (At 4.13)! Alguém poderia dizer: “Pura coincidência”, mas acredito que a volta da diáspora romana é um milagre da graça e um milagre profetizado, pois em Ezequiel 37 a sequência do cumprimento é: reunião dos ossos secos antes da conversão (cf. Jr 32.37-41).

Agora, sem dúvida, um reviver espiritual entre os judeus poderia acontecer em qualquer lugar da vasta diáspora existente, como ocorre também entre os gentios. Mas nessa profecia específica há um ponto centrípeto, a terra de Israel (Ez 37.12).¹⁷ Neste caso, o juntar dos ossos em Israel é algo preparatório. E o que seria esse juntar dos ossos senão juntar judeus para ser uma comunidade organizada, provavelmente um estado, para poder sobreviver como um povo

¹³ Mas o número está crescendo, especialmente desde a “Jesus Revolution” dos anos 70. Ver: <https://watch.tbn.org/s/vW7EBxmS/the-rosenberg-report?e=5mu3PJf3>. Joel Rosenberg: no mundo atual há um milhão de judeus messiânicos!

¹⁴ O judeu austríaco Theodor Herzl (1865-1904) foi advogado, ativista político, jornalista, autor de peças teatrais. Residia em Viena, capital do então Império Austríaco.

¹⁵ HERZL, Theodor. *Der Judenstaat, Versuch einer modernen Lösung der Judenfrage* (O estado judeu, tentativa de uma solução moderna da questão judaica). Viena: Breitenstein, 1896.

¹⁶ Rm 1.16. BOCK, D. L., GLASER, M. (Orgs.), *To the Jew First: The Case for Jewish Evangelism in Scripture and History*. Kregel, 2008.

¹⁷ Jerusalém e Israel são centros (Ez 5.5: “nações e terras ao redor”; 38.12: “umbigo da terra”).

tão perseguido? Na entrada do Yad VaShem, o memorial do holocausto em Jerusalém, está o versículo 14, revelando o que seus dirigentes judeus acreditam sobre a volta atual: “Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei na vossa própria terra”.¹⁸

3. SILÊNCIO DO NOVO TESTAMENTO

Além da objeção de que falta conversão e por isso não pode ser o cumprimento da profecia, ainda há o problema aparente do quase total silêncio do Novo Testamento sobre a restauração de Israel. E, pensando bem, a ausência significativa de algo tão importante pode ser uma prova indireta de que estamos na pista errada. E talvez seja por causa desse silêncio que muitos crentes pensam que a maioria das promessas do Tanach deve ser espiritualizada.

Antes de chegar a essa conclusão devíamos nos lembrar do contexto. Sabemos que, nascidos e criados como judeus, para o Senhor Jesus e seus discípulos as promessas do Antigo Testamento, inclusive sobre a volta da diáspora, eram tão certas, transparentes e concretas que ninguém estranhou a pergunta: “Será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (At 1.6). Depois da resposta clara e negativa do próprio Rei (parafraçando: “Agora não! Nem *chronos* nem *kairos*!”), a ordem positiva para esta nova época da graça foi muito clara: agora é evangelizar o mundo inteiro, porque o muro da separação foi derrubado (Ef 2.14)!

Além desse contexto geral, há o contexto imediato. Quando se fala sobre as “últimas coisas”, lembra-se logo do sermão de Mateus 24, onde nada se diz sobre essa promessa. Mas neste caso se esquece que a divisão em capítulos veio muito mais tarde e que imediatamente antes de Mateus 24 o Senhor Jesus diz claramente que ele não voltará até Jerusalém (como capital de Israel) dizer: “Bendito o que vem...” (Mt 23.39). Além desse “até” abençoador, há um até amaldiçoador escatológico do Messias sobre Jerusalém: “Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles” (Lc 21.24). Talvez seja somente nessa angústia que Jerusalém vai clamar aquele “Bendito”! Até é uma pequena palavra limítrofe com dois lados, um lado para cá e outro para lá. Assim também em Lucas. “Para lá” uma esperança desconhecida ainda, mas “para cá” uma advertência severa que nos faz pensar na “medida dos pecados” dos povos gentílicos que está se enchendo (cf. Gn 15.16). E de alguma forma a história de Jerusalém está conectada com esse medidor, indicando o prazo da paciência de Deus com os gentios, incluindo as ameaças e ataques deles contra

¹⁸ Mensagem de e-mail do Yad VaShem (Jerusalém, 18.09.2022): “Further to your query, yes, the quotation is from the book of Ezekiel, Chapter 37, verse 14: ‘And I shall put my spirit in you, and you shall live, and I shall place you in your own land’” (“Quanto à sua mensagem, sim, a citação é do livro de Ezequiel, capítulo 37, verso 14...”).

seu povo e seu país. Mas o que acontecerá com Jerusalém *depois* dos tempos dos gentios? Além dessas provas diretas positivas em si, o fato de se ter poucas referências sobre a volta e conversão de Israel não invalida essas poucas.

Vamos ler outro “até” conhecido sobre esse assunto – Romanos 11.25,26: “Endurecimento veio em parte a Israel, *até* que haja entrado a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo”. Como o Senhor Jesus, também Paulo fala sobre dois grupos étnicos: é um “até” promissor e alertador tanto para judeus como para não-judeus. Aponta para um futuro certo, mas de data aberta, o final da época da graça para os gentios quando a porta da arca da salvação será fechada por Deus mesmo (cf. Gn 7.16). E para os judeus é um preparativo para seu reavivamento, e ao mesmo tempo uma última chamada clara para os outros povos.

Os judeus diziam anualmente no final da ceia pascal: “No próximo ano em Jerusalém”. Era como uma oração pelo cumprimento das promessas sobre o retorno: “Até quando, Senhor?” Na sua palavra de despedida na última ceia pascal com seus discípulos, o Senhor Jesus não disse: “No próximo ano em Jerusalém”, mas deu outra indicação temporal no seu último “até”: “Desta hora em diante não beberei deste fruto da videira *até* aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mt 26.29,30). E tendo cantado um hino saíram para o Monte das Oliveiras, de onde ele partiria em breve, depois da morte e ressurreição, e onde os seus pés estarão de novo numa outra plenitude do tempo (Zc 14.4).

Há ainda outro trecho no qual o Senhor Jesus fala sobre o futuro de Israel. Na “Revelação de Jesus Cristo” capítulo 7, ele mostrou os selados de “todas as tribos dos filhos de Israel”, diferenciando-os da “grande multidão... de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 1.1; 7.4-10). Mas ambos os grupos foram salvos pela graça, pela fé no Cordeiro de Deus! É como o cumprimento da promessa apontada pelo apóstolo Paulo em Isaías sobre o remanescente de Israel que será salvo depois da plenitude dos gentios (Rm 9.27; 11.25).

Diante dessas referências, o pequeno Novo Testamento não parece tão silencioso sobre esse assunto quanto pensamos, e mais, onde ele fala, as palavras sempre estão em harmonia com as promessas do vasto primeiro Testamento, aguardando uma restauração espiritual de Israel, inclusive daquilo que vem antes disso. Entre nós, não há dúvida sobre o despertar espiritual de Israel no fim dos tempos. A única diferença entre irmãos reformados talvez seja que alguns estão pensando logo na fase final e outros mais sobre as várias etapas anteriores.

4. TIAGO

Um quarto argumento bíblico forte contra a ideia de uma volta prometida seria um ponto hermenêutico específico: a maneira como, no primeiro “sínodo”, o apóstolo Tiago interpretou Amós 9.11-12 sobre a reconstrução do tabernáculo de Davi como se referindo à entrada dos gentios na igreja, os povos se curvando

sob o cetro do grande Filho de Davi (At 15.15-18). O assunto naquele concílio apostólico foi a posição desses crentes gentílicos que ingressavam numa igreja cristã composta de crentes judeus. A decisão da assembleia deixou claro que os crentes-das-nações não precisam se transformar em judeus (pela circuncisão e a lei cerimonial). Por outro lado, também ficou subentendido que os judeus não se tornam “gentios” quando vêm a Jesus, permanecendo “judeus” etnicamente e conservando o sinal da aliança com Abraão. Ao mesmo tempo, embora cada grupo possa preservar suas características étnicas, Deus requer de todos uma etnicidade santificada (cf. Ap 21.24; Is 24.16). E todos esses crentes são irmãos no Messias (Ef 2.14)!

Numa família os irmãos são diferentes, cada um com seus próprios traços típicos. Por isso, os judeus, sendo judeus, deviam se circuncidar como Paulo fez com Timóteo, pertencente a esse povo por nascimento. Tito não, pois era grego (At 16.3; Gl 2.3). Sem dúvida, a circuncisão não garante a salvação (Rm 2.29), mas é um privilégio pertencer àquele povo com suas promessas, alianças e sofrimentos especiais (Rm 9.4). E esse povo judeu ainda é um povo, também depois da rejeição do Messias e, melhor ainda, ainda é *seu* povo (Rm 11.2). Assim, eles sofrem também como povo, pois, apesar de serem holandeses, nossos vizinhos foram obrigados a usar uma estrela de David (*Jood*) e desapareceram num campo de concentração nazista. Mas, por incrível que pareça, ainda existem como povo, descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, e por isso ainda sob a promessa segura do Fiel, o Deus da Aliança. Pois Deus é fiel e não rejeitou o seu povo. Outros povos antigos já desapareceram há séculos do palco da história, mas Israel não. Depois de 2.700 anos, os “filhos de Manassés” que voltaram de Assam no final de 2021 ainda sabem que são “Bnei Menashe”.¹⁹

Assim, pelo que entendo, a interpretação de Tiago tratou, positiva e explicitamente, da posição dos crentes-não-judeus na igreja messiânica judaica, abrindo 100% de espaço para eles, mas, ao mesmo tempo, negativa e implicitamente, não aboliu a etnicidade dos membros judaicos, nem declarou inválidas as promessas e obrigações específicas. Mas todos sob o cetro do Filho prometido de Davi.

¹⁹ No final de 2021, um voo da El-Al aterrizou no aeroporto de Tel-Aviv com 235 judeus a bordo. Vieram de Assam, a parte mais oriental da Índia. Os antepassados deles tinham sido deportados pelo rei da Assíria, e agora, mais de 2.700 anos depois, seus descendentes ainda sabiam o que eram: Bnei Menashe, Filhos de Manassés, voltando à terra prometida! Ao mesmo tempo a chegada deles é uma admoestação séria. Porque foi no ano 727 a.C. que o rei crente Ezequias fez uma campanha de evangelização e escreveu cartas convidando o povo para vir a Jerusalém para celebrarem juntos a Páscoa. Mandou cartas com seu selo real não somente a Judá, mas também às outras dez tribos de Israel sob reis idólatras. Mas lá eles riram dos mensageiros. Ninguém sabia que era a última campanha de evangelização, porque cinco anos depois Israel foi levado cativo para Assíria (722 a.C.) ... Mais de sete séculos depois, no momento da apresentação do bebê Jesus no templo, lá estava uma profetisa idosa, Ana, da tribo de Aser, vizinha de Manassés. Como ela chegou a residir em Jerusalém? Será que seus antepassados estavam entre aqueles que tinham obedecido ao apelo de Ezequias (2 Cr 30.11)? No ano 2015, a arqueóloga Eilat Mazar achou, num montão de lixo fora do muro de Jerusalém, um pequeno selo (1 cm). Era um selo do rei Ezequias...

5. NÚMEROS

Ainda há pelo menos três argumentos práticos que colocam em dúvida se o que está ocorrendo seria uma volta prometida (e por isso um sinal dos tempos). Assim, um argumento aponta para os números, pois existem poucos judeus na terra. E de fato há ainda pelo menos duas vezes mais judeus na Diáspora do que em Israel.²⁰ Sim, mas isto não desqualifica nem nulifica a realidade da volta atual. Parece que também nesse ponto a história se repete. Quantos voltaram do exílio babilônico? Sem dúvida muitos (Ed 2.64), mas, por outro lado, muitos mais nem queriam voltar, pois estavam acomodados nos seus cantinhos de descendentes de refugiados. Porém, sessenta anos depois da volta dos seus pais, na época da rainha Ester, um edito ameaçou de extermínio todos esses judeus no vasto império persa, dando a impressão de que realmente havia ainda muitos deles em muitos lugares (Et 3.13; 8.13). A arqueologia conhece até uma “Cidade-al-Yehuda”, na Mesopotâmia,²¹ e outro grupo da tribo de Manassés chegou até o leste da Índia. A diáspora existente antes de 70 A.D. era mesmo vasta (At 2.11) e muitos nem queriam voltar, a não ser para morrer e ser enterrados ali, resultando num grande número de viúvas na terra santa (At 6.1).

De fato, também nesse ponto a história se repete: agora nem todos voltam, mas um bom grupo representativo se faz presente na terra prometida. Hoje em dia a volta se acelera de novo, especialmente do “país do Norte”, mencionado tantas vezes nas profecias (p. ex., Jr 16.15). Sem falar dos milhares de refugiados da Ucrânia, somente até agosto de 2022 mais do que 20.000 judeus migraram da Rússia para Israel,²² causando inclusive tensões diplomáticas entre os dois países porque muitos desses *olim* são cientistas. E dentro da própria Rússia as perguntas sobre a guerra contra a Ucrânia estão aumentando, motivo de *aliyah* também do crítico rabino-mor de Moscou, que seria preso se abrisse a boca.

Em 1948, na ocasião do nascimento do Estado de Israel, havia umas 800 mil pessoas, agora a população chega a 9,5 milhões, e a estimativa é que no centenário aumentará para 15,2 milhões. Entre eles atualmente há uns 120.000 judeus messiânicos, mormente entre os jovens. O conhecido repórter Joel Rosenberg diz que deve haver um milhão de judeus messiânicos no mundo. Os números também falam.

²⁰ Dos 15,2 de milhões de judeus no mundo, somente 46% residem em Israel. Ver: <https://www.jewishvirtual library.org/latest-population-statistics-for-israel>.

²¹ https://en.wikipedia.org/wiki/Al-Yahudu_Tablets.

²² Restando talvez uns 600.000. E nem que fosse “um por um” seria uma volta real (Is 27.12,13). Em 2022 o total de imigrantes (*olim*) foi de quase 75.000, de 95 países diferentes (o dobro de 2021): Rússia: 37.364, Ucrânia: 14.680, França: 2.049, Belarus: 1.993, Etiópia: 1.498 (informação da Agência Judaica).

6. AMEAÇA

Como se fosse algo que contradiria o cumprimento da promessa do retorno, há também o argumento prático de que ainda hoje a própria existência de Israel – e de Jerusalém como uma cidade judaica independente – está sob ameaça (Sl 83.4). É verdade, mas isto não desclassifica o retorno atual como uma “volta prometida”. Ao contrário, parece muito mais com uma confirmação, pois na história da salvação, muitas vezes, o diabo logo se comporta com uma boa margem de segurança para ele, como na matança dos meninos abaixo de dois anos em Belém. E o Senhor mandou um dos profetas pós-exílicos avisar que, por fim, não somente árabes, mas nações unidas subirão contra Jerusalém (Zc 14.2). Mormente depois de 1967,²³ o antissemitismo e seu sinônimo político antissionismo estão aumentando mundial e rapidamente. Há até cristãos que apoiam e propagam a política BDS contra Israel, como o deão (emérito?) do Instituto Bíblico de Belém e Nazaré.²⁴ As ameaças contra a menina dos olhos de Deus (Zc 2.8) não negam a realidade de uma “volta prometida” atual, ao contrário, parecem confirmá-la.

7. FATOS HISTÓRICOS

Finalmente, outro tipo de objeção prática fraternal muito séria é a seguinte: como se pode interpretar e concluir algo a partir dos eventos atuais? Não parece pretensioso e arriscado no mínimo? Sim, de fato parece. Mas o Senhor Jesus deixou muito claro que, para se ver os “sinais dos tempos”, não é necessária uma revelação especial. Os investigadores da polícia religiosa que às vezes se faziam presentes acabaram por ver muitas curas e, ainda por cima, uma multiplicação dos pães (Mt 15.31,38). Porém, mesmo assim, tanto saduceus como fariseus, tanto liberais como ortodoxos não se convenceram. É que também naquela época era verdade que “a man convinced against his will is of the same opinion still” (um homem convencido contra a sua vontade ainda tem a mesma opinião). Por isso tinham coragem de pedir mais um sinal do céu. Mas era como se Jesus dissesse: “Abram os olhos!” (Mt 16.1-4).

Sei que nenhum dos irmãos que fraternalmente levantam essa dúvida querem pertencer a esse grupo policial, e concordo com eles que parece pretensioso e no mínimo arriscado. Mas quando dá para ver essa volta tão claramente e quando tantos outros irmãos têm a mesma impressão, faria alguma diferença? Há ainda outras pessoas que, rindo, levantam essa objeção porque acham que os milagres são estórias e esta conclusão é ridícula. Mas será que no tempo

²³ Em 1967, o rabi Schlomo Goren (shalom eira), rabino-mor do exército IDF, declarou: “Nós tomamos a cidade de Deus. Estamos entrando na era messiânica” (cf. Jo 18.14).

²⁴ BDS = Boycot, Desinvest, Sanction. KATANASHO, Rev. Dr. Johanan. *The Land of Christ: A Palestinian Cry*. Eugene: Pickwick, 2013.

do Senhor Jesus, não era exatamente um dos problemas dos líderes de Israel o não poder/querer reconhecer, nos seus próprios dias, o cumprimento das promessas, e por isso não querer/poder reconhecer a Jesus como o Messias? A começar dos sábios interrogados por Herodes sobre Belém? Será que, trinta anos depois, todos já haviam morrido ou ninguém se lembrava daquela visita alvoroçadora dos magos e daquele holocausto regional subsequente? E entre os mais jovens? Havia pelo menos alguns, como Nicodemos, que prestaram atenção nos fatos evidentes e daí chegaram a uma conclusão de crentes (Jo 3.2). É isso que aconteceu com os discípulos depois da ressurreição: eles já eram crentes, mas por causa dos fatos históricos fortaleceu-se a sua fé e creram na promessa de Jesus (Jo 2.22).

Concordo cem por cento com a advertência de que temos de ter muito cuidado para não errar e seguir falsos profetas. Por outro lado, os atalaias não podem fechar os olhos para os sinais na história mundial. Atalaias podem se enganar, mas é melhor do que se omitir. A meu ver o assunto é tão evidente e premente que quase precisamos de um capítulo sobre “Israeologia” no *locus* da escatologia e/ou da eclesiologia.

Numa noite imaginária dois atalaias estavam conversando:

O que foi que ouvimos? Será que me enganei, colega? Que horas são? Será que eu estava cochilando um pouco? Você também ouviu alguma coisa? Parece que meu relógio parou! É cedo ainda? Vamos prestar atenção. Pois que som estranho era esse? Será que era o toque de um shofar...?

Se for assim, depois de raiar um novo dia quando podemos ver claramente, aplica-se o que o Senhor Jesus disse: lembrem-se da figueira, pois quando “seus ramos se renovam... sabeis que está próximo o verão” (Mc 13.28). Podemos chorar por não entender o livro da história (Ap 5), mas vamos aguardar atentamente como o Senhor da História vai guiar tudo. E uma coisa está certa: *O nosso Cordeiro venceu! Vamos segui-lo!*²⁵ Maranata!

Israel ocupava, ocupa e ocupará um lugar estratégico na história da salvação. *Ocupava*, porque Deus disse ao patriarca Abraão: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). *Ocupa*, porque o nosso Senhor e Salvador é “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). E *ocupará*, porque o Messias disse que ele não voltará *até* que Jerusalém diga: “Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23.39). E Deus é fiel.

Paz seja com todos nós e sobre o “Israel de Deus” (Gl 6.16). Maranata! Itajubá (MG), Pentecostes 2023 A.D.

²⁵ “*Vincit Agnus noster! Eum sequamur!*” – lema da Igreja Morávia.

ABSTRACT

In this article, the author expresses his conviction that the 20th-century return of the Jews to the land of Israel is the fulfillment of old promises of God to his people. At the same time, he considers honestly seven objections to this understanding, namely: the promise was already fulfilled in the past, a fundamental condition for the return has not been met, the New Testament is silent about the issue, James' stand on the inclusion of Gentiles in the Jewish church, the fact that many Jews have not returned to the promised land, the fact that even today the nation of Israel is under threat, and the consideration that it is risky to draw firm conclusions from current events.

KEYWORDS

Return of Jews to Israel; State of Israel; God's promises; Objections.